
O VÍRUS, O MAL-ESTAR E NOSSAS SACADAS

Alexandre Simões

“Psicanálise: pulmão de um mundo irrespirável” (LACAN, 1974). Um dos adágios mais significativos e retumbantes de Lacan, essa frase comporta um desafio constante a todos os psicanalistas, desde a sua formulação, e nos leva a buscar localizar, em nosso horizonte, a contínua articulação entre a subjetividade e o tempo (SIMÕES, 2017, p. 63). Em suma, Lacan nos adverte que a prática analítica é permeável aos discursos, tomados aqui na condição que ele tanto enfatiza em um momento marcante de seus seminários: os discursos são laços, são liames sociais (LACAN, [1969-1970]/1992).

Nessa perspectiva, não há como se subentender, sem recair em severos reducionismos, que o ato do psicanalista ocorre sem conexão com a *polis*. Muito pelo contrário, a possibilidade de haver analista e o ato que lhe corresponde se descortina em um horizonte no qual são depositadas as condições e contradições de uma dada época. Aludimos aqui aos elementos e lugares que constituem os discursos: os fluxos do dizer (S1 ... S2), o que aí se produz como efeito (o sujeito dividido e não bem o indivíduo indivisível) e o que, por conta dessa articulação, se impõe como um elemento inassimilável (objeto *a*) – que pode ter funções diversas, indo da causa (causa do desejo) ao resto (LACAN, [1969-1970]/1992).

Essa constante inter-relação entre a psicanálise e a dimensão do coletivo plasmada, ora em social (Freud), ora em discurso (Lacan), já nos foi advertida pelo primeiro, ao afirmar que:

Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras é, ao mesmo tempo, também psicologia social (FREUD, [1921]/1976, p. 91).

Diante do momento que toca a todos nós, sob os mais diversos modos, no ano de 2020 – lançando-nos à gritante constatação de um acontecimento que inaugura uma era (HOBSBAWM, 1995) – é essencial a indagação de como a psicanálise faz dobradiça com esse tempo. Quais elementos, conceitos ou sinalizações que nos auxiliariam a cartografar o que se passa conosco, o que se passa em nós?

Priorizando aquilo que se manifesta na experiência clínica da psicanálise, iremos considerar, a título de baliza, o que os analistas vêm ouvindo de seus analisandos, bem como supervisionandos, nos seis primeiros meses de 2020. Encontramos um tom de grande envergadura, oriundo, especialmente, dos territórios de *O mal-estar na civilização*. Como sabemos, esse texto, que foi escrito por Freud na virada de uma década para outra (1929), já absorve, em suas linhas, o prenúncio de um mundo outro por vir (cuja obscenidade – no sentido dado por Lacan: um escancaramento que obstrui – em menos de dez anos iria se revelar na experiência nazifascista), que em muito se impõe a nós, em nosso momento.

Em sua argumentação, Freud não nos apresenta algo meramente da ordem do desagrado, da inquietude ou do descontentamento – que poderia ser momentâneo, casual, reativo ou local –, mas sim da dimensão de um desassossego inerente à nossa existência, interposto, por conseguinte, à relação que mencionamos entre subjetividade e discurso.

De forma notória, já é bem difundido o fio condutor da argumentação sustentada por Freud: nossa relação com o que há de tropeçável em um campo de realidade, com o corpo e com os outros, tem um atravessamento constante, a saber, o *Unbehagen*. Certamente, a tradução bastante difundida, que nos lança ao território do mal-estar, é justa para aquilo que está em jogo no *Unbehagen*.

Acompanhando de perto o que Freud nos aponta, sempre orientado pelas coordenadas clínicas, somos levados a apreender, por meio do *Unbehagen*, aquilo que nos deixa sem saída, uma ausência de clareira ou de intervalo que poderia servir como via de escape, margens laterais que, sendo viáveis, nos ofereceriam um interstício, uma suspensão em uma dada via, em uma dada condição, em uma dada jornada.

Unbehagen é uma estrada sem acostamento, sem ter onde e como parar, um circuito sem suspensão; é o que está posto nessa palavra, com mais precisão do que uma sensação de mal-estar ou de descontentamento que poderia ser enunciada por todos nós em alguns momentos da existência. *Unbehagen*, implacável e inexorável, é aquilo que sempre volta ao mesmo lugar, sob a advertência de Lacan. Freud nos impõe, em sua argumentação, algo extremamente granítico e rupestre, bem distante do que seria uma constatação pática. Ele nos fala de uma constatação clínica amiúde: de uma densidade severa e da impossibilidade de um retiro.

É nesse contexto que Freud localiza as três grandes vias por onde essa base rupestre e inflexível se imporia a nós. A primeira delas seria nossas relações com as pessoas, as instituições, as vizinhanças, os coletivos e os espaços por onde o “amódio”, ao ver de Lacan, se instala e nos lança, inescapavelmente, ao avesso que nos habita (LACAN, 2010, p. 184).

Outra via seria o corpo, naquilo que ele comporta de transitoriedade, de finitude, de encontro, por fim, com o que decai. Por meio do corpo, somos visitados por uma constatação que, usualmente, se busca escamotear: a brocagem. Aqui, vale lembrar que não é sem motivos que Jacques Lacan, em um de seus seminários mais clínicos, vai argumentar, diante dos analistas

que lhe ouvem: “o corpo, isso deveria surpreender mais vocês” (LACAN, [1972-1973]/2010, p. 228).

A terceira via, sublinhada por Freud, pelo seu recurso à *physis*, seria a curiosa dimensão das forças da natureza. Ao lado do laço social e da corporeidade, essa dimensão parece ter sido uma das mais negligenciadas pela tradição pós-freudiana, desde a argumentação elaborada por Freud em 1929, talvez por supostamente enxergar ali algo distante de uma subjetividade (certamente, partindo enganosamente de uma concepção de subjetividade solipsista). É precisamente a dimensão poeticamente nomeada de forças da natureza que mais pode determinar o quanto o heteróclito, o não-mentalista, compõe o que vem a ser o sujeito da experiência analítica. Terremotos, vulcões, enchentes, tsunamis e o vírus se mostram como as faces solares para as quais não conseguimos – somando ao que também se passa com a morte – olhar frontalmente, mediante a advertência já formulada nas trilhas filosóficas por La Rochefoucauld.

Sem aviso que se fizesse escutar, fomos lançados aos bordejamentos da cova, sob a forma de algo que brota da *physis*, e que clama para si a inscrição, como um enigmático anagrama de letras e números: covid-19. Poucas vezes a humanidade poderá se deparar de modo tão flagrante com o fogo frio ao qual Lacan se refere, ao localizar o *hardcore* do *Unbehagen*: “o fogo é o real. O real põe fogo em tudo. Mas é um fogo frio” (LACAN, [1975-1976]/2007, p. 117).

Do fogo ao furo: há uma discreta passagem de Lacan, durante a argumentação dedicada à construção de seu grafo (em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, de 1960), na qual ele preanuncia o furo que lhe colocará em franca produção nos anos 1970: “furo no real [...], oco de recepção [...] brocagem para a saída” (LACAN, 1998, p. 821). Todas as alterações na vida cotidiana, nas rotinas, nos planejamentos, nos orçamentos, na expectativa da sequência, na proximidade entre os corpos, no ir e vir, que vêm se dispondo sob o diapasão da cautela hesitante, da negação odiosa ou da metódica liturgia da desinfetação, não findam por contornar, inescapavelmente, esse furo?

Vale destacar, portanto, que o rébus covid-19, além da materialização das forças da natureza, finda por amalgamar a ela elementos que veiculam as outras duas plataformas do *Unbehagen*, demarcadas por Freud: o isolamento – abarcando a brocagem entre o eu e o tu: “quem é o outro?”; “o que o outro tem?”, “que tenho, eu, para o outro?” – e o corpo, com a vertigem da asfixia, do ar que não mais lhe vivifica, mediante o horror de pulmões deteriorados.

O real comporta um indiscernível, que implica uma posição cujo nome não é outro senão este: angústia. Essa vinculação foi apresentada por Lacan de um modo muito plástico, em uma inspirada passagem do *Seminário 10* ([1962-1963]/2005), quando engendra uma curiosa fábula. Ele se fantasia com uma máscara de um animal que seria a mesma usada pelo feiticeiro que se encontra pictografado na parede da caverna de *Les Trois-Frères*, localizada na região francesa dos Pirineus, importante por conter uma riqueza de figuras rupestres. Essas imagens parietais, bastante primitivas, ganham mais destaque à medida em que há algo raro nelas: a inscrição rupestre de seres híbridos, meio humanos e meio animais. A caverna recebeu o referido nome, ao ser descoberta por três garotos, três irmãos, em 1914. Um deles se chamava, curiosamente, Jacques e os outros dois, Max e Louis. Temos então Lacan nos convidando para o encontro com essa densidade rupestre, logo, estrutural. Ele faz a montagem de uma cena: trajando a máscara do feiticeiro rupestre, se depara com um animal gigantesco – a fêmea de um louva-a-deus.

O ponto crucial da fábula, segundo Lacan, é ele não saber ao certo qual era exatamente a máscara que ele estaria usando, ou seja, o que estaria sendo estampado para a voracidade desmedida, para o indiscernível, para as letras enigmáticas que ocupam a posição de quem, em uma caverna, se encontra com um obscuro louva-a-deus gigante. Estando ali, naquela densidade, as paredes não poderiam lhe devolver, tal qual um espelho, a sua própria imagem; isto é, aquilo que poderia lhe oferecer algum esboço, alguma medida, do que és, o que és para o que pode lhe devorar, para o que comporta um capricho insondável.

O indiscernível se duplica quando a única coisa que, ao fim de todos os recursos, poderia devolver ao sujeito alguma imagem de si enquanto sujeito se mostra opaca, por ser demasiadamente enigmática: o globo ocular do inseto. O saldo desse encontro, portanto, é a capturante posição de objeto, que Lacan, em um momento um pouco mais adiante de seu ensino (1969-1970), pinçou como o “gozo da planta”, “um corpo inteiramente entregue ao gozo” (LACAN, [1969-1970]/1992, p. 72).

Como eu não sabia qual era a máscara que estava usando, é fácil vocês imaginarem que tinha certa razão para não estar tranquilo, dada a impossibilidade de que essa máscara porventura não fosse imprópria para induzir minha parceira a algum erro sobre minha identidade. A coisa foi bem assinalada por eu haver acrescentado que não via a minha própria imagem no espelho enigmático do globo ocular do inseto (LACAN, 2005, p. 14).

Em sua argumentação, Lacan frisa que esse encontro coloca o sujeito na posição de objeto e que é precisamente essa questão que vincula a angústia ao Real. É daí, por meio de roteiros diversos, que nossos pacientes nos falam de um “fogo frio” que queima/resfria o peito, de um modo asfixiante.

Louva-a-deus gigante, vírus, enigmático globo ocular, covid-19: subitamente, a caverna se materializou entre nós, ao redor de nós; cada qual com o seu encontro rupestre, cada qual com o claustro do gozo-de-planta que captura.

Estando nessa pele e sendo bem diretos quanto àquilo que colhemos no esteio da experiência clínica, é cabível afirmar que o vírus encapsula a ranhura tripla, o risco apontado por Freud em *O mal-estar na civilização*. Um encapsulamento instantâneo, que desnor-teia...

Cabe, em um cenário dessa ordem, não deixar de nos indagar sobre as possibilidades de rota, sobre as possíveis respostas diante do viral, um gigante invisível. Aliás, se há algo pelo qual o psicanalista não pode deixar de se pautar é a fina percepção de que a prática analítica encontra sua vigência,

seu *logos*, na possibilidade de tratar, de metabolizar o Real pelo Simbólico (LACAN, [1964]/1990, p. 14). Esse aspecto é onipresente no ensino de Lacan e se intensifica em qualquer sequenciamento ou segmentação que possa ser feito desse ensino e seus possíveis momentos. Abrindo mão dessa aposta – a transdução do real que, do contrário, haveria de ser paralisante –, não nos parece haver aquilo que, em última instância, opera na psicanálise: o desejo do analista (LACAN, [1964]/1998, p. 868).

Considerações finais

Vale frisar – nessa trilha clínica, que deve ser seguida face ao encontro com o que pode paralisar – um outro momento da obra de Freud, que dialoga com o *Mal-estar na civilização*, exatamente, por ser uma espécie de correlato antinômico: a argumentação deslindada no breve texto intitulado *Sobre a transitoriedade* ([1915]/1980).

O texto freudiano também implica um encontro. Dessa vez, temos Freud em um espaço que não é o da caverna de Lacan, o Aqueronte por onde ele teve de adentrar para trazer à luz o louva-a-deus. Ele está na região florescente das Dolomitas, o trecho alpino ao norte da Itália, na companhia de um amigo taciturno, um jovem poeta, em agosto de 1913.

Freud e seu acompanhante de *trekking*, o poeta, dialogam sobre o efeito que a transitoriedade que se abate sobre o vivido produz sobre o sujeito. Para o poeta, o belo, o que floresce, se vê inevitavelmente ceifado e, assim, será eclipsado pela transitoriedade, pelo encontro com um não-mais. Contrariamente, Freud argumenta que a perenidade não seria uma pré-condição para o valor daquilo que se impõe na trilha da vida. Enquanto o poeta se embaraça na antecipação e no lamento do que se perde, Freud se vincula a uma *poiesis* produzida face ao limite, apesar do limite, causada exatamente pelo limite. Em suma, o belo se conjuga com o limitado. A transitoriedade nos leva, por conseguinte, ao *trekking*, a abrir trilha, nos impele a continuar caminhando; aquilo que, indo a Lacan, reconhecemos nas problemáticas clínicas do *sinthome* (LACAN, [1975-1976]/2007), em suma, *le hé-ré-sie/le R-S-I*.

As palavras finais de Freud, em seu encontro nas Dolomitas, quando a transitoriedade também se conjugava com o contexto de uma guerra ainda em curso e seus necessários lutos foram:

Quando renunciou a tudo que foi perdido, então consumiu-se a si próprio, e nossa libido fica mais uma vez livre ... para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais preciosos. [...] Quando o luto tiver terminado, verificar-se-á que o alto conceito em que tínhamos as riquezas da civilização nada perdeu com a descoberta de sua fragilidade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes (FREUD, [1915-1916]/1980, p. 348).

Paralelo a Freud, nas Dolomitas, é possível perceber um gesto bastante significativo em meio à era covid-19, essa “nova urgência” (SOUZA, 2020), que nos foi apresentado pelos italianos quando, no auge de suas perdas, foram para as suas *sacadas*. Esse ato foi amplamente coberto pela mídia. Certamente, face ao encontro com o louva-a-deus, é isso o que pode restar, contrariamente à paralisia: procurar não exatamente por nossas varandas, mas por nossas “sacadas”.

Em meio a tudo isso, o desejo de analista pode ganhar forma sob uma indagação: “qual é a tua sacada?!”.

Referências

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, [1929]/1980.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 18. Rio de Janeiro: Imago Editora, [1921]/1976.

FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, [1915]/1980.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX – 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1960]/1998.

LACAN, Jacques. Do Trieb de Freud e do desejo do psicanalista. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1964]/1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1963]/2005.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1964]/1990.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1970]/1992.

LACAN, Jacques. **Encore**. Tradução realizada pela Escola Letra Freudiana. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, [1973]/2010.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1976]/2007.

SIMÕES, Alexandre. Do horizonte ao olhar: a clínica psicanalítica e nossa época. *In*: FERREIRA, Rodrigo Mendes; CASTILHO, Pedro (org.). **Psicanálise em nosso tempo**. p. 63-70. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SOUZA, Priscilla Machado. A psicanálise, o novo coronavírus e as urgências. **Correio APPOA**, n. 297, abr. 2020. Disponível em: http://www.apoa.org.br/correio/edicao/297/a_psicanalise_o_novo_coronavirus_e_as_urgencias/831. Acesso em: 15 dez. 2020.